

Trajectórias de Mulheres Timorenses em Portugal: Género e Transnacionalismo na Diáspora

Sofia Miranda¹

A comunidade timorense residente em Portugal tem sido pouco estudada pelas Ciências Sociais e, enquanto grupo, pelos *media*, razão pela qual é relativamente desconhecida pela sociedade que os acolhe há mais de trinta anos.

Os estudos realizados debruçam-se essencialmente, sobre questões relacionadas com a inserção, adaptação e projectos de regresso. As questões de género numa perspectiva antropológica e, em particular, a perspectiva das mulheres acerca dos processos migratórios dos quais participam, tem sido pouco estudada pelos antropólogos e, no que respeita à comunidade timorense em Portugal, esse estudo é inédito.

Ao longo deste artigo, darei conta de um projecto de investigação em curso que visa preencher, de algum modo, esta lacuna e analisar as dinâmicas (coloniais e pós-coloniais) do colonialismo português, da ocupação indonésia e do processo migratório a partir do ponto de vista das mulheres timorenses residentes em Portugal. Por outro lado, ao debater questões como a transnacionalidade e a diáspora, virá complementar os estudos realizados até à data sobre esta comunidade.

A comunidade timorense em Portugal

A comunidade timorense residente em Portugal resulta de várias deslocações ocorridas na sequência da invasão e ocupação de Timor-Leste pelo exército indonésio a 7 de Dezembro de 1975. Embora tenham passado por Portugal cerca de 7500 pessoas, a maioria partiu daí rumo a outros destinos – em especial para a Austrália. Os que permaneceram concentram-se predominantemente no distrito de Lisboa (com maior incidência nos concelhos de Sintra, Oeiras, Lisboa e Amadora), razão pela qual foi esse o distrito escolhido para a realização do trabalho de campo.

Até 1976, a migração de timorenses em direcção a Portugal tinha uma expressão reduzida, limitada aos chamados estudantes do império e a algumas mulheres timorenses que, tendo casado com militares portugueses, os acompanhavam no regresso a casa. A partir dessa data, passaram por Portugal muitos timorenses que, voluntária ou involuntariamente, abandonaram o seu país mas destes, menos de 2000 permaneceram em Portugal. De acordo com dados do Instituto Nacional de Estatística, em 2001 residiam em Portugal Continental 1934 cidadãos naturais de Timor-Leste; a que acresciam 30 pessoas a residir nas ilhas. Na Área da Grande Lisboa residiam 1203 timorenses, entre os quais 607 mulheres. Sabe-se, no entanto, que estes números não são muito fiáveis, visto tratar-se de uma comunidade que se movimenta muito (sobretudo desde o referendo de 1999) e sobre a qual existem muito poucos registos.

A ida de timorenses para Portugal não se desenrolou de uma forma linear, podendo distinguir-se sete grandes vagas, que passo a enunciar:

- 1) Em 1976, e na sequência do corte de relações diplomáticas entre Portugal e a Indonésia, foi organizada uma ponte aérea entre Atambua (Timor Indonésio) e Lisboa, com ajuda da Cruz Vermelha Internacional (CVI) e da Holanda (representante dos interesses portugueses na Indonésia), que permitiu a deslocação de várias famílias e grupos unidos por parentesco colateral.

¹ Doutoranda do Departamento de Antropologia do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa – Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE - IUL) e bolsista da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), com o projecto *Trajectórias de Mulheres Timorenses em Portugal: Estudo Antropológico sobre Género e Transnacionalismo*. Investigadora do Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CEAS - CRIA). a.sofia.miranda@gmail.com ou Ana_Sofia_Miranda@iscte.pt Agradeço à Fundação para a Ciência e Tecnologia por ter financiado a minha deslocação a Timor-Leste entre Junho e Julho de 2009, para realização de trabalho de campo e para participar nesta conferência. Agradeço também à Fundação Oriente, em especial à sua delegação em Timor-Leste na pessoa do director, Engenheiro Álvaro Antunes, por gentilmente me terem assegurado o alojamento durante a minha permanência em Díli.

- 2) Entre 1977 e 1982, pessoas que fugiram ao regime indonésio e tiveram de suportar o custo das viagens.
- 3) Entre 1982/93, pessoas ao abrigo de um programa de reagrupamento familiar.
- 4) Desde 1993 (e na sequência do massacre de Santa Cruz, em Novembro de 1991), jovens predominantemente do sexo masculino, que fugiram através dos chamados assaltos a embaixadas.
- 5) Em 1995 chegaram várias famílias completas, através do programa de repatriamento de antigos funcionários públicos da administração colonial portuguesa que foi retomado.
- 6) Antes do referendo de 1999, chegaram timorenses com o passaporte da CVI² que se encontravam refugiados em Jacarta, na ilha das Flores e em Macau³.
- 7) Desde o ano lectivo de 2001/2002 grupos de estudantes, ao abrigo de programas específicos de bolsas de estudo atribuídas pelo Governo português.

De registar fica ainda o número de pessoas que, desde o referendo de 30 de Agosto de 1999, começaram a regressar progressivamente ao seu país de origem, assim como aqueles que depois de o fazerem voltaram a migrar por razões várias, que vão desde os problemas económicos a uma difícil (re)adaptação à terra de origem.⁴

A existência destas sucessivas migrações Timor-Leste/Portugal/Timor-Leste evidencia, por si só, a existência de uma comunidade complexa, mas a isso acrescem outros factores, tais como a sua heterogeneidade⁵, a sua fragmentação (filiação político-partidária⁶, proveniência regional, etc.) e a sua dispersão. Por tudo isto, importa reter e reforçar a ideia de que não se trata de uma comunidade homogénea, mas antes de um grupo cuja(s) identidade(s) se encontram em permanente construção, no seio do qual existem disputas e animosidades, mais ou menos perceptíveis para o exterior.⁷

No interior da comunidade timorense residente em Portugal, é possível distinguir três grandes grupos:

- 1) Os que chegaram em 1976 e anos seguintes, que constituem um grupo de pessoas com ligações à administração colonial portuguesa, entre os quais predominam os agregados familiares compostos, em média, por oito elementos.
- 2) Os jovens que chegaram depois do massacre de Santa Cruz e quando a situação de Timor-Leste estava numa fase de internacionalização. Tratam-se de jovens, predominantemente do sexo masculino com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos.
- 3) E, por fim, os ‘jovens bolseiros’ que saíram de Timor-Leste depois da independência do país e, portanto, em condições substancialmente diferentes das dos dois grupos anteriores.

² Era o que lhes permitia a saída. Na realidade, não tinham passaporte, pelo que, aos olhos da lei internacional, eram apátridas.

³ Neste último caso, como resultado da entrega desse território à República Popular da China no final de Dezembro do mesmo ano.

⁴ Desde finais de 2000, princípios de 2001, têm saído de Timor-Leste muitas pessoas que se dirigem inicialmente a Portugal, mas cujo destino são outros países europeus, nomeadamente Inglaterra e Irlanda do Norte. Esta migração, de carácter predominantemente económico, aumentou nos últimos meses de 2002 e abrange sobretudo a camada mais jovem da população que, na impossibilidade de encontrar trabalho no seu país, procura melhorar a sua situação económica noutros espaços territoriais. Por conseguinte, tratam de obter junto da embaixada em Díli um visto de entrada em Portugal, após o que deixam Timor-Leste em direcção àquele país. Aqui chegados, solicitam o passaporte e o bilhete de identidade português, que lhes permitem usufruir dos direitos conferidos pelo estatuto jurídico dos nacionais de Estados-membros da União Europeia e alimentar as redes de emigração ilegal que angariam mão-de-obra para a indústria alimentar no Reino Unido e Irlanda do Norte.

⁵ Grande heterogeneidade cultural expressa na existência de cerca de 20 grupos etnolinguísticos, aos quais se juntaram portugueses, chineses, indianos, indonésios, entre outros. Em termos linguísticos, depois da independência (2002), o português e o tétum foram declaradas línguas oficiais, sendo o tétum a língua nacional e o inglês a língua de trabalho.

⁶ Principalmente entre membros/apoiantes da Fretilin e da UDT, os dois partidos que se opuseram na guerra civil que precedeu a invasão indonésia.

⁷ Não me vou alongar aqui a este respeito, mas não posso deixar de chamar a atenção para o facto de a imagem de uma comunidade unida, estrategicamente construída durante os anos de luta contra o ocupante estrangeiro, tem vindo a ser, de algum modo, relegada para segundo plano, nos anos que se seguiram à independência (2002), à medida que as antigas rivalidades (nomeadamente as de cariz político-partidário) recomeçam a assumir um papel preponderante.

Estes três grupos são bastante heterogêneos no que diz respeito à geração migratória a que pertencem, à sua composição familiar, ao conhecimento prévio de Portugal e da sua língua, aos apoios recebidos no país que os acolheu e às ligações mantidas com Timor-Leste.

Ao longo dos anos, os membros desta comunidade esforçaram-se por remeter para segundo plano as diferenças que os separam e construir uma consciência de comunidade, que insistem em manter viva.

A diáspora⁸ no feminino

Embora residam em Portugal, os timorenses permanecem ligados à sua terra de origem, à qual a maioria afirma ter intenções de regressar. Independentemente das diferenças, partilham um forte sentimento de pertença a uma comunidade nacional, assente na existência de um património comum – a mesma história, cultura, língua, religião – que os aproxima entre si e dos compatriotas espalhados pelo mundo e que deve, por isso, ser preservado. Podemos considerá-los verdadeiramente transmigrantes, ou seja, «immigrants who develop and maintain multiple relationships – familial, economic, social, organizational, religious, and political – that span borders (...)» (Basch *et al.*, 1994:7). De facto, no decurso da sua experiência migratória, as questões ligadas à etnicidade e identidade⁹ assumem um papel fundamental, pelo que se requer uma maior coesão do grupo e a conservação dos laços com a sociedade de origem. Nestes domínios, as mulheres assumem um papel fundamental, enquanto principais responsáveis pela manutenção e reprodução simbólica da comunidade. Esta preocupação com a preservação da cultura de origem remete-nos para outras investigações (cf. Thatcher, 1992, Wise, 2006) que revelam que, entre os timorenses residentes na Austrália, a situação de exílio conduziu a um ressurgimento do interesse pela cultura tradicional timorense, associado ao medo que essa cultura e, com ela, parte da sua identidade, fosse destruída.

Assim, as mulheres são detentoras de conhecimentos acerca de certos costumes e tradições que têm de ser passados às gerações mais novas, sendo o ensino da língua tétum, as danças, a cozinha tradicional timorense, entre outras, funções asseguradas pelas mulheres. A área da chamada cozinha tradicional parece-me constituir um exemplo ilustrativo daquilo que estou a referir, através da qual se reforça uma etnicidade específica, ao mesmo tempo que se procura manter algo da cultura de origem em contexto de diáspora que, nas palavras das minhas entrevistadas, ‘ajuda a matar saudades de Timor’.¹⁰ Com efeito, a comida pode constituir um elo importante entre o país que acolhe e o país de origem, sendo que, na maior parte dos casos, esse elo é realizado através das mulheres.

No decurso da minha pesquisa no terreno, tenho observado o modo como as mulheres timorenses procuram manter em Portugal uma série de hábitos alimentares oriundos da sua terra natal. Para a preparação de alguns pratos típicos – como *sasate*, espetada de carne, geralmente de cabrito; *katupa*, arroz cozido em pequenos sacos feitos em folha de palmeira; *paun kukus*, pequenos pães recheados com doce ou carne picada; *koirambo*, doce frito, feito de fios de massa de arroz; entre outros –, esforçam-se por arranjar os ingredientes adequados, o que nem sempre é tarefa fácil. Por vezes, conseguem comprá-los em lojas de comerciantes chineses ou indianos, mas outras, tem de os mandar vir directamente de

⁸ Emprego aqui o conceito de diáspora, na medida em que é a ele que os meus interlocutores recorrem como marcador identitário, que lhes permite definir-se enquanto grupo distinto dos restantes elementos que compõem a sociedade portuguesa; das outras diásporas timorenses – australiana, moçambicana e macaense; e dos timorenses que nunca saíram de Timor-Leste. Por conseguinte, socorro-me da definição do antropólogo Steven Vertovec: «I refer to diaspora (...) as an imagined connection between a post-migration (including refugee) population and a place of origin and with people of similar cultural origins elsewhere. By ‘imagined’ I do not mean such connections might not be actual. Rather, by this I emphasize the often strong sentiments and mental pictures according to which members of diasporas organize themselves and undertake their cultural practices» (Vertovec, 2000, 12).

⁹ O conceito de etnicidade é aqui entendido «(...) as an aspect of social relationship between agents who consider themselves as culturally distinctive from members of other groups with whom they have a minimum of regular interaction» (Eriksen, 1993, 12). Por sua vez, utilizo o conceito de identidade como resultante de um processo de construção: «The construction of identity (...) while (...) a repository of distinct collective experiences (...) involves establishing opposites and ‘Others’ whose actuality is always subject to the continuous interpretation and re-interpretation of their differences from ‘us’. (...) Far from a static thing then, identity of self or of ‘other’ is a much worked-over historical, social, intellectual, and political process that takes place as a contest involving individuals and institutions in all societies» (Said, 1995, 332).

¹⁰ Lisboa, 20/11/2008; 04/05/2009.

Timor-Leste ou da Indonésia, trazidos por familiares ou amigos. Quando têm pouca informação acerca do modo como é preparado determinado alimento, procuram uma maneira de aprender as receitas originais e, como tive oportunidade de assistir, quando se encontram, aproveitam para perguntar às mais velhas ou mais experientes qual a melhor maneira de o fazer.

Para além do seu consumo numa esfera doméstica/familiar, estes pratos marcam presença na esfera pública, sendo geralmente oferecidos aos convidados durante os encontros da comunidade e exibidos em feiras ou mostras gastronómicas. Ao longo dos anos, a comida timorense (juntamente com as músicas, as danças ou o artesanato) foi um dos elementos que ajudou a divulgar a cultura de Timor-Leste em Portugal, numa clara associação à luta independentista e ao projecto de construção nacional.

As mulheres timorenses são, deste modo, detentoras de um poder tendencialmente oculto e pouco consciente, através do qual mantêm e reproduzem a identidade timorense em contexto de diáspora.

Na sociedade timorense, o homem exerce o seu poder de forma directa, ao passo que as mulheres nem sempre são visíveis, remetidas para o espaço privado, familiar, como se este não fosse importante e não fosse suporte de tudo o resto. A tendência para associar a mulher à esfera doméstica, atribuindo-lhe assim um papel subalterno relativamente ao homem é, por si só, extremamente redutora. Mais ainda, se atentarmos à importância que esta esfera assume para a reprodução social, cultural e simbólica do grupo. Na sua esfera de influência, conseguem criar e sustentar verdadeiras redes de sociabilidade, de extrema relevância se nos lembrarmos, como já foi referido, de que estamos perante uma comunidade que se encontra bastante dispersa: a partir do núcleo familiar criam um espaço de coesão que permite manter a unidade de um grupo forçado a sair da sua terra de origem.

Resistência no feminino

Passando agora à análise do discurso que tem vindo a ser produzido sobre Timor-Leste e a resistência à ocupação indonésia, verificamos que se tem debruçado quase exclusivamente sobre os homens, retratando as mulheres como vítimas passivas e submissas. Todavia, na sequência da ocupação indonésia, a contribuição das mulheres tornou-se necessária para garantir o funcionamento da resistência: no mato, combateram ao lado dos homens, cuidaram dos doentes e dos feridos, entre outras tarefas; nas vilas e aldeias, era-lhes relativamente fácil apoiarem a rede clandestina sem que ninguém desconfiasse, na medida em que eram associadas ao espaço da casa; na diáspora denunciaram a situação do país perante plateias internacionais, esforçaram-se por angariar fundos e apoios para a sua causa e divulgaram a cultura timorense no exterior. No apoio à resistência as mulheres timorenses demonstraram que eram capazes de assumir e lutar pelas causas públicas, neste caso concreto, na luta contra o ocupante.

Quer dentro do país, quer na diáspora, elas desafiaram a ocupação estrangeira e assumiram novas tarefas, familiares, sociais e nacionais, o que lhes permitiu repensar e reconfigurar o papel da mulher, com a passagem da esfera privada (casa) para a esfera pública. As activistas timorenses, tanto no interior do território como na diáspora, envolveram-se em movimentos transnacionais de mulheres e passaram a reivindicar a adopção de práticas diferentes das da sociedade tradicional timorense (patriarcal) e o aumento da participação das mulheres timorenses nas esferas social, económica, política e educativa.

Actualmente, alcançada que está a independência nacional, a contribuição das mulheres para a resistência ainda não foi completa e suficientemente reconhecida¹¹ e tem havido alguma pressão para que reassumam o papel que tinham antes da guerra. Este é um dos grandes desafios enfrentados pelo movimento das mulheres timorenses, que se tem mostrado dinâmico e empenhado na defesa dos seus direitos, mas não é, com certeza, o único – o ciclo de trauma e violência persiste.

Considerações finais

Pelo exposto, compreendemos que, um olhar atento sobre o passado das mulheres timorenses (tanto na clandestinidade como na diáspora) revela até que ponto é limitativo e redutor olhá-las como vítimas passivas e submissas. Contudo, convém não esquecer que a categoria do género é uma categoria relacional e, como tal, embora a atenção esteja aqui centrada nas mulheres, elas são sempre analisadas na

¹¹ No decurso da minha pesquisa em Timor-Leste, foram-me referidas várias situações sentidas como injustas e que estão ligadas com as recentes polémicas relacionadas com o reconhecimento público daqueles que contribuíram para a luta, com a atribuição de subsídios, pensões e medalhas.

sua relação com os homens. Chegar à igualdade é da responsabilidade de todos e a construção da nação timorense tem tudo a ganhar se integrar as contribuições de todos – homens, mulheres, os que ficaram e os da diáspora.

Referências bibliográficas

- Amaro, Rogério Roque, Malheiros, Jorge & Evaristo, Teresa, (coords.) 1998, *Estudo sobre a Situação Socio-Económica da Comunidade Timorense Residente em Portugal*, Lisboa: IESE – GEOIDEIA.
- Antunes, Célia & Miranda, Sofia 2005, *Transnacionalidade e Memórias Timorenses; Ao (Re)Encontro do Passado*, Lisboa: Centro de Estudos de Antropologia Social – CEAS/Fundação para a Ciência e Tecnologia – FCT (Relatório Final de Projecto, policopiado).
- Basch, Linda, Glick-Schiller, Nina & Szanton-Blanc, Cristina 1994, *Nations Unbound: Transnational Projects, Postcolonial Predicaments and Deterritorialized Nation-States*, Basel: Gordon and Breach Publishers.
- Cohen, Robin 1997, *Global Diasporas. An Introduction*, California: University of California Press.
- Cunha, Teresa 2006, *Vozes das Mulheres de Timor-Leste*, Porto: Edições Afrontamento.
- Cristalis, Irena & Scott, Catherine 2005, *Independent Women: The Story of Women's Activism in East Timor*, London: Catholic Institute for International Relations (CIIR).
- Eriksen, Thomas Hylland 1993, 'What is ethnicity?' in Eriksen, Thomas Hylland, *Ethnicity and Nationalism. Anthropological Perspectives*, London: Pluto Press, 1 –17.
- Foner, Nancy 1997, 'What's New about Transnationalism? New York immigrants today and at the turn of the century' in *Diaspora*, 6 (3), 355 - 375.
- Instituto Nacional de Estatística (INE) 2001, *Censos 2001: Resultados Definitivos – XIV Recenseamento Geral da População*, Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, 4.º Vol.
- Miranda, Sofia 2003, *A Cruz e o Sândalo: Religião, Tradição e Gerações Timorenses*, Lisboa: Instituto Superior de Ciências do Trabalho e de Empresa (ISCTE), (dissertação de Mestrado, policopiada).
- Said, Edward W. 1995 (1978), 'Afterword to the 1995 printing' in *Orientalism. Western Conceptions of the Orient*, London: Penguin Books.
- Thatcher, P.L. 1992, *The Timor-Born in Exile in Australia*, Victoria: Monash University (dissertação de Mestrado, policopiada).
- Vertovec, Steven & Cohen, Robin (eds.) 1999, *Migration, Diasporas and Transnationalism*, Cheltenham and Northampton: Edward Elgar Publishing Limited.
- Vertovec, Steven 2000, 'Religion and diaspora' in http://www.transcomm.ox.ac.uk/working_papers.htm, acedido em 20 de Março de 2003.
- Wise, Amanda 2006, *Exile and Return Among the East Timorese*, Philadelphia: University of Pennsylvania Press.